

Centro Científico e Cultural de Macau

Uma breve memória pessoal (2006-2019)

澳门科学文化中心：独家记忆



Luis Filipe Barreto
Ex-Presidente do CCCM

*Em memória e homenagem a
José Mariano Gago (1948-2015)*

O Centro Científico e Cultural de Macau (CCCM), Instituto Público desde sempre ligado ao Ministério da Ciência e Ensino Superior, foi inaugurado no dia 30 de novembro de 1999, na presença dos mais altos representantes oficiais do Estado Português: o Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio; o Primeiro-Ministro, Eng.º António Guterres; o Ministro da Ciência, Professor José Mariano Gago; e o Governador de Macau, General Vasco Rocha Vieira.

A Missão do Instituto Público Centro Científico e Cultural de Macau (CCCM) é a de Investigação em Cooperação, conectando mais e melhor Portugal, a China e a Região de Macau, nos domínios das Ciências Sociais e Humanidades. Foi pensado como reforço académico da cooperação, científica e cultural entre Portugal e a China, a propósito da Região Administrativa Especial de Macau, para pelo menos o período (a decorrer até 2049) da Declaração Conjunta.

O CCCM possui autonomia patrimonial. As verbas para os edifícios da Rua da Junqueira e para os recheios essenciais do Museu e da Biblioteca foram oferecidas a Portugal, para esta Missão, por Mecenas chineses de Macau (Stanley Ho) e pela última administração portuguesa de Macau, presidida pelo General Vasco Rocha Vieira.

Os resultados qualitativos e quantitativos alcançados

pelo CCCM, entre 2006 e 2018, são do domínio público nacional e internacional. Traduzem-se, para o futuro, sobretudo em publicações (mais de meia centena de volumes) de investigação orientada e transdisciplinar, nos domínios das relações eurasiáticas (passado e presente), das histórias e culturas da China, Macau, Ásia Oriental (passado e presente), dos mundos marítimos asiáticos e do património chinês em Portugal e na Europa.

O CCCM é a única instituição portuguesa específica e especializada, com investigação e publicação de padrão internacional nestas áreas. A única instituição portuguesa com investigação e publicação em línguas portuguesa, chinesa, inglesa, alemã, espanhola, (também de fontes latinas criticamente editadas e traduzidas). A única instituição portuguesa com investigação, publicação, disseminação e função no acelerar académico dos Estudos Asiáticos e da cooperação com a Ásia Oriental em Portugal. (China, Coreia, Japão, Ásia do Sueste, sistema do Índico, etc.).

O CCCM é a instituição portuguesa mais privilegiada pela cooperação cultural e académica com a Embaixada da República Popular da China. Desenvolve também estreita cooperação com os Institutos Confúcio e os Estudos Asiáticos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, implicando outras Embaixadas asiáticas, como Coreia do Sul, Índia, Irão, Japão, etc.

O CCCM em números (2006-2019)

a) Colóquios

Ao longo destes 13 anos, foram realizados 17 Colóquios no CCCM (14 internacionais e 3 nacionais), bem como 4 outros colóquios em coorganização em Macau, Pequim, Munique, Lisboa. Foram laboratórios vivos de investigação com mais de duas centenas de investigadores de Portugal, Espanha, França, Itália, Bélgica, Inglaterra, Alemanha, Croácia, Roménia, Grécia, Estados Unidos, México, Brasil, China, Hong Kong, Macau, Taiwan, Coreia, Japão, Austrália, Áustria, Holanda, etc.

b) Publicações

Foram 65 as publicações de investigação de estudos de caso, atas, fontes, manuais de formação, catálogos de investigação e de divulgação em línguas portuguesa, inglesa, chinesa, alemã, espanhola, italiana (também fontes quinhentistas originalmente editadas em Macau, em 1580, e em Lisboa, em 1587, em edições críticas latim/português) e mais 20 Newsletter em português e inglês, 23 panfletos de exposição e ainda outras publicações informativas e de divulgação. Milhares de páginas, em papel ou digital, de investigação, formação e divulgação ao longo de 13 anos. O CCCM é a única instituição nacional especializada e de investigação contínua e publicação, com equipas internacionais multidisciplinares, de matéria asiática, sobretudo da Ásia Oriental.

c) Exposições

Relativamente a exposições, o CCCM organizou quatro grandes exposições de referência feitas por equipas de investigação internacional, com quatro catálogos especializados (3 bilingues português/inglês e um trilingue português, chinês, inglês). Realizou ainda quatro exposições itinerantes, sendo uma bilingue português/inglês, e 22 exposições conjuntas em cooperação com instituições da R. P. China (via Embaixada) e três exposições em coorganização com instituições da RAEM ou seja, 32 exposições em 13 anos.

d) Cursos de formação

Ao longo destes anos, realizou 24 cursos livres semestrais de Língua e Cultura Chinesas. Participou na formação de Ensino Superior em Estudos Asiáticos (licenciatura e mestrado), cursos que envolveram também a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e a Universidade Católica, sendo responsável pela leção de mais de três dezenas de cadeiras e seminários e por 14 cursos de formação contínua sobre Macau e a China, ou seja, mais de 70 cursos/cadeiras em 13 anos.

Em termos de média anual, os treze anos deste Instituto Público do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior apresentam os seguintes indicadores:

- I – Colóquios: cerca de 1,7;
- II – Publicações: mais de 5,7;
- III – Exposições: mais de 2,7;
- IV – Formação: mais de 6,8.

O CCCM, durante o período em que estive à frente dos seus destinos, criou uma rede de mais de duas centenas de investigadores associados a projetos de investigação, de publicação e de formação (desde colóquios e conferências a cursos e exposições culturais). Mais de 200 investigadores de todo o mundo que trabalharam em conexão com o CCCM/Portugal, articulando Universidades como Harvard, Munique, Tóquio, Seoul, Lovaina, Roma “La Sapienza”, Paris/EHESS, Hong Kong, Nápoles “Orientale”, Barcelona, Pádua, Macau, Brown, Temple, Boston, Pennsylvania, Stanford, U. Nacional Australiana, Beijing, Shanghai, e centros como o CNRS, a Academias das Ciências Naturais e das Ciências Sociais de Pequim, o Museu de História da Ciência de Nagasáqui e o Instituto Max Planck. ■